

HIPNOSE E PSICOLOGIA: ASPECTOS HISTÓRICOS, CLÍNICOS E EPISTEMOLÓGICOS

Geralda Erilene de Oliveira Saraiva¹

Introdução

Hipnose e Psicologia são áreas fascinantes da ciência. A perspectiva deste artigo é desmistificar a utilização da Hipnose enquanto ferramenta de prática terapêutica, contudo, essa técnica ainda sofre preconceitos baseados tão somente nas credences populares, ou seja, apesar de que a Hipnose vem sendo estudada nos últimos anos e que sua utilização seja tão antiga quanto à própria civilização, seus numerosos benefícios permanecem pouco manifesto na sociedade atual. A temática Hipnose avoca uma importância apreciável, pois assume uma função de revelação das fragilidades e incoerências que permanecem na tentativa de uma Psicologia clínica por fim científica (Chertok & Stengers, 1999; Stengers, 2001). Entre as justificativas que marginalizam a Hipnose, argumenta-se que integrar a hipnose aos elementos científicos, traz consequências ameaçadoras capaz de colocar em risco os alicerces construídos pelos psicólogos no seu anseio pela ciência. Aos olhos de grande parte da população, o hipnotista é percebido como o bruxo/mago/mandingueiro que impõe artifícios a vontade do outro e o faz dormir. É um ser que possui força, e o hipnotizado, é percebido como o fraco entorpecido por essa força. Contudo, o manejo dessa técnica encantadora é universalmente ambicionado, no entanto, suas restrições se fazem presente até mesmo nas práticas mais éticas e eruditas. Além dos psicólogos, outros profissionais se apropriam dos benefícios da hipnose contra os males da humanidade, gerando assim, fortes influências que buscam enfrentar e neutralizar alvoroços e mal-entendidos não poupados, entretanto, não estranhemos que as ameaças e perseguições partam não somente de beatificados fervorosos e/ou de sujeitos desinformados, mas também dos próprios praticantes desta ciência. Assim sendo, este artigo tem por objetivo, não somente destacar alguns acontecimentos históricos que infelizmente continuam obscurecidos e recusados, mas acima de tudo, ocasionar uma reflexão acerca da unificação hipnose e psicologia enquanto prática e tema de estudo, predominando a hipnose como um procedimento que poderá trazer para a psicologia clínica, avanços

¹ Faculdade Santa Maria. E-mail: erilensaraiva@hotmail.com

significativos, afastando primeiramente, o temor supersticioso do público em geral e das ciências ortodoxas.

A retomada de um conhecimento sem respostas

No antigo Egito, a hipnose era utilizada no “templo do sono” para tratar diversas doenças, em seguida, os gregos também adotaram a prática. A hipnose tem sido vivenciada mesmo antes de o fenômeno ser utilizado de forma consciente, pois as sociedades primitivas já buscavam um estado de transe (similar ao da hipnose) através das danças ritualísticas e ritmos de tambores (Erickson, Hershman e Sectar, 1998, p.19). Em 1662 na Irlanda apareceu um curandeiro chamado Valentine Greatrakes. Acreditava-se que esse curandeiro fosse um enviado divino, por ter sido responsável, através de suas forças sobrenaturais, curas, sacerdócios e exorcismos. Os pacientes submetidos a essa divindade recebiam uma espécie de “passe” e imediatamente entravam em estado de relaxamento profundo (Faria, 1979). Visto que essa prática era fundamentada tão somente através de crenças sem embasamento científico, começaram a aparecer vários comentários errôneos e falsas conclusões sobre o fenômeno.

Como na época não se compreendia a dinâmica dos fenômenos da hipnose e sua natureza, além de mal interpretada, ela passou a ser jogada ao esquecimento por muitos anos. Somente mais tarde ela pôde ser resgatada por duas escolas de pensamento importantes da França, a escola de Salpêtrière de Charcot (1835-1904) e a escola de Nancy liderada por Auguste A. Liabeault (1823-1904) e Hipolyte Bernheim (1840-1919) haja vista, que ambas possuíam visões distintas acerca da hipnose. Enquanto as teorias de Charcot sustentava a ideia de que a hipnose era uma manifestação patológica a qual trilhava um caminho para a experimentação, Bernheim e Liébeault associava a hipnose a um fenômeno psicológico comum. Uma grande polêmica então surgiu entre as teorias de Chercot e a escola de Nancy, pois uma era contraponto da outra e, ao considerar uma dessas correta, espontaneamente rejeitava a validade da outra. Charcot então retomou as ideias do magnetismo animal de Mesmer (FARIA, 1979; ALBUQUERQUE, 1959).

Esse jovem médico francês conhecido por Franz Anton Mesmer já apresentava um conjunto de opiniões que remontavam a racionalidade ocidental. Criador na teoria do magnetismo animal, Mesmer foi relatado como precursor do movimento do mundo ocidental para os fenômenos paranormais, sendo assim, respeitados por alguns e, definido como charlatão por outros. Segundo sua doutrina:

Atribuía aos corpos celestes a emissão de um misterioso “fluido” ligando os corpos entre si e todos ao conjunto estelar. Tal “fluido” que tituló de magnetismo animal teria ainda a particularidade de ser captado e reservado por corpos metálicos especiais que se poderiam usar terapêuticamente sob determinado controle (FARIA, 1979, p.7).

Assim, para Mesmer, a doença era resultado da frequência irregular dos fluidos astrais, deste modo, para estabelecer sua cura, é necessário regular os mesmos. Determinadas pessoas possuíam naturalmente o privilégio de controlar os fluidos, esses privilegiados eram considerados, digamos, os donos da saúde e dos fluidos. Esse fluido vital se aplicava a parte enferma do sujeito como uma espécie de corrente elétrica, onde ao estabelecer contato, o paciente apresentava crises de convulsões de cunho terapêutico. Com o aumento da clientela, Mesmer teve que exonerar o toque pessoal ao sujeito, recorrendo assim, a magnetização indireta, um método habilidoso de hipnotismo coletivo num ambiente escurecido, contendo música suave e água encantada (magnetizada), onde os sujeitos sentavam em posição circular. De cada garrafa saía uma espécie de vara cromada do gargalo, daí então, os pacientes estabeleciam contato com essas varas, sendo abordados pelas convulsões terapêuticas. Para Mesmer, a hipnose era uma energia astral semelhante a forças supremas ou um estranho poder sobrenatural que até hoje, ainda acreditam muitos sujeitos da sociedade atual (CHERTOK E STENGERS, 1990).

Ainda neste contexto, segundo Faria (1979), o procedimento hipnótico e seus níveis de transe foram estudados e praticados de várias formas. Podemos ter como exemplo, os experimentos desenvolvidos na Índia por volta do ano de 1845, por James Esdaile (1808-1859), uma figura devidamente reconhecida na história do mesmerismo por facilitar a prática cirúrgica sem utilização da anestesia, atingindo analgesia (sonambulismo magnético) através do estado hipnótico. É possível que o método de Esdaile não tenha tido maior fidedignidade científica porque os anestésicos químicos foram descobertos nesta mesma época, passando a fazer parte dos procedimentos médicos da classe social que possuía poder aquisitivo. Diferente do procedimento hipnótico, os anestésicos químicos como éter, clorofórmio e óxido nitroso chegaram a levar muitos pacientes a óbito, ainda assim, as reações desses procedimentos eram ignoradas. Na concepção de Erickson, Hershman e Sexter (1998), Esdaile foi ridicularizado ao retornar à Inglaterra e expor suas experiências, o próprio enfatizou em

uma das suas obras o quanto era difícil contrastar a opinião pública, além da dificuldade que se deparou na tentativa de demonstrar o quão valioso era seu trabalho.

Embora que nos tempos remotos a hipnose fosse considerada um fenômeno produzido por um poder místico, uma força sobrenatural, destinado a pessoas selecionadas e suscetíveis, é sabido que essa prática está normalmente integrada ao desempenho psicodinâmico comum do ser humano, pois ela não se distingue dos níveis emocionais próprios de cada sujeito. No que se refere aos estados que comumente alteram os sujeitos em estado de transe, Braid (1843, p. XII) afirmou em seu livro:

Há marcante diferença nos graus de susceptibilidade dos indivíduos à influência hipnótica, alguns se tornando rápida e intensamente afetados, outros apenas lenta e levemente alterados. Essa diferença de susceptibilidade é análoga ao que experimentamos em relação aos efeitos de medicações em indivíduos diferentes e, sobretudo, como visto no caso de vinho, ópio e óxido nitroso.

Deste modo, Braid (1843), expôs algumas conferências dentre os efeitos hipnóticos e as decorrências de agentes químicos sobre o sistema nervoso. O efeito hipnótico provoca uma vantajosa capacidade de foco e concentração, além de estimular ao máximo outras faculdades discursivas e imaginativas. De acordo com o autor, se os efeitos produzidos por substâncias químicas eram comparáveis aos efeitos causados pela hipnose, então a presunção de que a força magnética se sustentava na pretensão ou no olhar do mesmerizador apoiava-se num falso ponto de vista, ou seja, todos os efeitos sobre o sistema nervoso eram fisiológicos e o fenômeno da hipnose era induzido somente através de uma condição física e psíquica do sujeito cometida nos centros nervosos. Deste modo, Braid em suas procurou através de suas pesquisas, investigar até que ponto as ideias sugeridas pela hipnose conseguiam tratar imaginações patológicas e/ou crenças propositoras de doenças. Mais tarde, outros autores privilegiaram o aspecto psicológico da hipnose, dando assim, um novo rumo a suas pesquisas (ROUDINESCO, 1994; BERNHEIM, 1884; CAZETO, 2001).

Um ponto interessante na história da hipnose é que, apesar de não atender as requisições da ciência, sua eficiência terapêutica sempre foi marcada através de abordagens e obras de diversos autores em épocas distintas (Melchior, 1998). Embora Sigmund Freud tenha utilizado a técnica para remover sintomas por intermédio da sugestão, o próprio chegou a duvidar de sua eficiência ao entender que encontrara resultados desapontadores. Sua insatisfação se deu ao observar que seus efeitos

terapêuticos duravam somente durante o contato do paciente com o médico, ou seja, ele compreendeu que esse contato parecia ser mais importante do que a técnica em si (Chertok, 1989). Conforme, Stengers (2001), as psicoterapias não incidem em laboratório, porém, elas possuem uma proposta realista, já que, não se pode lutar contra as influências e/ou sugestões mútuas, implicando assim, nas relações humanas. No caso da hipnose, lhe faltava precisamente atender as sujeições que lhe consentisse modificarem a um objeto domesticado que fosse adequado as exigências do laboratório ou do setting analítico/clínico.

Caminhando por este cenário, cabe aqui salientarmos as considerações de Jean Martin Charcot, fundador da neurologia moderna, de quem Freud foi discípulo, sobre seu interesse pela hipnose a qual não separava do método anátomo-clínico, pois o mesmo analisou essa técnica como uma mudança fisiológica do sistema nervoso que só era possível ser observada em sujeitos que apresentavam histeria, uma doença progressiva e irreversível, pois acreditava ser consequência de um sistema neurológico fraco, mas que também podia ser de caráter hereditário ou se instalar após o sujeito sofrer um acidente. No entanto, seus estudos proporcionaram as pressuposições de ao analisar o fenômeno através da hipnose de simulação, surgiam desconfianças sobre a veracidade da técnica, chegando a ser taxada de fraude pelos incrédulos que buscavam respostas sobre a evidência do fenômeno. (CHERTOK E STENGER, 1990).

Em seu estudo autobiográfico, Freud (1924) conta que foi contemplado com uma bolsa de estudos em 1885, onde teve oportunidade de viajar à Paris e tornar-se aluno da Salpêtrière, tendo assim, o privilégio de torna-se discípulo de Charcot. Por meio do contato com os estudos de Charcot, sentiu-se admirado com suas últimas investigações referentes à histeria. De acordo com Chertok e Stengers (1990), esses estudos demonstravam manifestações pela sugestão hipnótica, como por exemplo, a contraturas histéricas e indução de paralisia que possibilitou a Freud, a capacidade de diferenciar os distúrbios histéricos dos distúrbios de caráter orgânico. Existem relatos de que foi através da hipnose que os experimentos de Chercot conseguiram evidencias de que as manifestações da histeria, como cegueira e paralisia, não era caracterizadas por uma lesão orgânica, porém, não apreciou a técnica para fins terapêuticos, pois compreendia que a hipnose não desfazia sintomas, utilizando-a apenas como simulação. Assim, Freud (1924), buscou aprofundar a sua habilidade hipnótica, realizando uma viagem a Nicy, e, observando os experimentos de Bernheim, pode perceber a possibilidade dos processos mentais conservarem-se na consciência humana escondida,

ele então, conseguiu explorar com maior abrangência acerca da raiz dos sintomas histéricos, estabelecendo diferenças e grande importância aos significados das emoções e os atos mentais Freud (1888, p.93), relata que “o tratamento direto consiste na remoção das fontes psíquicas que estimulam os sintomas histéricos, e isto se torna compreensível se buscarmos as causas da histeria na vida ideativa inconsciente.” Essa técnica tem como base a sugestão que dar ao paciente no intuito de eliminar a causa do distúrbio.

[...] curamos uma tussis nervosa hysterica fazendo pressão sobre a laringe do paciente hipnotizado e assegurando-lhe que foi removido o estímulo que o faz tossir, ou curamos uma paralisia histérica do braço compelindo o paciente, sob hipnose, a mover o membro paralisado, parte por parte (Freud, 1888, p.93).

Desta maneira, Freud (1924), confiava que colocando em prática a técnica desenvolvida por Breuer, em uma de suas pacientes, o efeito surtiria melhor. A paciente apresentava um conjunto variado de sintomas como contraturas, inibições, paralisias e confusão mental. A técnica consistia em fazer a paciente, sob estado hipnótico, retornar as suas vivências antecedentes até reconhecer o momento em que o distúrbio se originou. Fazia-se então, uma seleção dos sintomas, descarregando os sentimentos através de choro, medo, fala, pedindo para que a paciente relatasse o que lhe oprimia a mente, expressando em palavras os pensamentos que geravam dor e sofrimento. Posteriormente às confusões mentais, identificavam-se os procedentes dos sentimentos depressivos, e então, esse mesmo processo passou a ser utilizado para fazer com que as inibições e grande parte dos sintomas físicos desaparecessem. Expõe que em estado consciente a paciente não era capaz de relatar a ligação dos seus sintomas com suas experiências de vida, porém, através da hipnose, tanto a jovem quanto outros pacientes apresentavam capacidade de descreve-las, podendo chegar a desvendar a informação que faltava. Assim, entende-se que os sintomas estavam associados a situações comoventes, como no caso da paciente de Brauer, que sentira quando prestava cuidados ao pai, tornou possível observar que seus sintomas eram resquícios ou lembranças de situações emocionais que experimentara na época. Freud (1924), ainda relata que na maioria dos casos em que ocorria um pensamento/impulso seguido do sintoma, sob hipnose, Breuer conseguiu (depois de muito esforço) aliviar o sintoma, chegando a livrá-lo permanentemente. Deste modo, esse acontecimento despertou em Freud um conhecimento implícito que cuja atividade psíquica e inconsciente estava densamente

conexa com a histeria que só após aprofundar seus estudos e aperfeiçoar seus conhecimentos na Salpêtrière e em Nancy, sua ideia pôde ser mais bem esquadrihada. Segundo Edelweiss (1994), Freud repudiou a hipnose como forma de tratamento passando a utilizá-la somente para alguns experimentos. Assim, ao abandonar essa prática, Freud possibilitou a desconsideração acerca das pesquisas realizadas nessa área, se dedicando somente à Psicanálise a qual ostentou fidelidade a seu fruto. A falta de conhecimento sobre a temática passou a transmitir informações baseadas nas antigas crenças, funcionando assim, como um aglomerado de falsas concepções, tanto no âmbito acadêmico, quanto em outras situações que reforçam cada vez mais a estagnação do conhecimento ao invés de instigar a busca de subsídios que contribuam para expandir as perspectivas de pesquisas. Edelweiss (1994) ressalta que alguns fatores contribuíram para a desvalorização da hipnose a qual vem banalizando sua prática enquanto ferramenta assisada. O exemplo disto, são as demonstrações em público para fins de entretenimento que, de maneira aética, exibiam os sujeitos (em estado de transe) submetendo-os a desempenhar atividades cômicas, expondo-os ao ridículo. Essa prática deu origem a vários estereótipos e ideias errôneas sobre a natureza do fenômeno hipnótico. Melchior (1998), afirma que, embora a hipnose não atenda os requisitos da ciência, de contínuo ela foi abalizada pela sua eficiência terapêutica, pois ela possui o poder de promover mudanças significativas na vida do ser humano. Vale ressaltar que a hipnose é uma só, mas pode ser utilizada em contextos bem distintos que se classificam fundamentalmente em três: hipnoterapia, hipnose de palco, e hipnose de rua.

Atribuição do nascimento da Psicologia

Mediante a este ligado de desordens e rupturas frente a essa temática, a discussão acerca da hipnose, principalmente em termos de psicoterapia, foi retomada nas últimas décadas, maiormente a partir da obra de Milton Erickson, tornando-se assim, temas de inúmeras conferências internacionais e congressos. É certo que, essa retomada não proporciona muitas distíngues com relação aos antepassados da hipnose e do magnetismo, pois na construção de técnicas terapêuticas competentes permanece uma inquietação explícita, uma análise contundente quanto às probabilidades da racionalidade científica no enfoque desses fenômenos. Deste modo, o poder de observação de Milton Erickson juntamente com a sua criatividade foram fabulosos, pois seu método foi capaz de tratar com êxito e eficácia diferentes tipos de problemas

clínicos, constituindo o alicerce o estilo de todo procedimento terapêutico e hipnótico (ERICKON, 1980).

Considerações finais

A linha de reflexão construída até aqui, torna evidente a importância de que se desenvolvam diálogos acerca da hipnose, principalmente para serem desenvolvidos novos estudos que possam proporcionar contribuições para a ciência e Psicologia como um todo. De acordo com todas as informações para a elaboração deste trabalho, é possível afirmar que essa técnica é fundamentalmente um método de intervenção que foca na saúde e bem estar do sujeito e, por conseguinte, no equilíbrio das funções orgânicas, psíquicas e emocionais do ser humano.

A hipnose é um procedimento composto por um conjunto de acontecimentos históricos, manejados e ampliados por diversas ocorrências, sendo assim, considerado ao longo do tempo de ascendência mística, milagrosas ou diabólicas. Ainda que nos tempos modernos existam evidências baseadas na experiência e, até mesmo através estudos de caráter científico, há quem duvide de sua veracidade, bem como quem acredite e defenda plenamente. Contudo, existem numerosas pesquisas, casos e relatos que evidenciam os benefícios inertes desse saber, isso quer dizer que a hipnose vem evoluindo muito desde sua contextualização histórica até o conhecimento da contemporaneidade, transmitidos por instrutores e estudiosos da atualidade. Sem exceção, todas as novas descobertas que surgiram e que irão surgir (ao acaso e aos poucos) dependem de novas experiências, pesquisas e testes que devem ser continuados.

Destarte, vale ressaltar que o caminho a se percorrer no cenário científico está apenas começando, haja vista que diante da atual conjuntura muita coisa precisa ser descoberta, estudada e melhorada, pois a hipnose não é um poder, porém, possuir esse conhecimento, conhecer as ferramentas e utiliza-las com ética e segurança associada a Psicoterapia pode causar mudanças significativamente efetivas na vida de um sujeito, ao ponto de transformar uma vida, no que se refere ao bem-estar psíquico. Portanto, este trabalho será finalizado na confiança de ter atingido os objetivos anteriormente mencionados, podendo clarificar as informações necessárias que rompam as falsas crenças que acarretam o descrédito da hipnose enquanto prática terapêutica na clínica de psicologia, sobrepondo a necessidade de dialogar, pesquisar e desenvolver mais

estudos sobre essa temática para então, atingir maior credibilidade da sociedade, de profissionais e da ciência.

REFERÊNCIAS

- ALARCÃO, Isabel. (Org.). **Escola reflexiva e nova racionalidade**. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- ALBUQUERQUE, Medeiros. **Hipnotismo**. Rio de Janeiro: Conquista, 1959. 318 p.
- ANDRADE, Silvania Suely Caribé de Araújo et al. **Relação entre violência física, consumo de álcool e outras drogas e bullying entre adolescentes escolares brasileiras**. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 28, n.9, p. 1725-1736, set., 2012.
- BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- Bernheim, H. (1995). **Hypnose, suggestion et psychothérapie**. Paris: Fayard. (Original publicado em 1891).
- BRAID, James. **Neuroypnology or the rationale of nervous sleep considered in relation with animal magnetism**. London: J. Churchill. 1843.
- CAMPOS, R. H.de F. (1996). **Em Busca de um Modelo Teórico para o Estudo da História da Psicologia no Contexto Sociocultural**. *Coletâneas da ANPEPP*. São Paulo: EDUC, 1, n.15.
- CARROY, J. (1993). **Magnétisme, hypnose et philosophie**. In I.Stengers (Ed.), *Importance de l'hypnose* (pp. 169 – 192). Paris: Le Plessis-Robinson.
- CARVALHO, Rosita Edler. **Fundamentos teórico-metodológicos para a atuação junto ao aluno com dificuldades de aprendizagem ou limitações intelectuais**. Sergipe: CINTEP-PB, 1997. P. 05-10.
- CAZETO, Sidnei José. **A constituição do inconsciente em práticas clínicas na França do século XIX**. São Paulo: Escuta; Fapesp. 2001.
- _____. **Globalização: as consequências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- CHERTOK, Leon; STENGERS, Isabelle. **O Coração e a Razão: a hipnose de Lavoisier a Lacan**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990. 319 p.
- CURY, Augusto. **Pais brilhantes, professores fascinantes**. 21.ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.
- EDELWEISS, Malomar Lund. **Com Freud e a Psicanálise: De volta à Hipnose**. São Paulo: Lemos Editorial & Gráficos LTDA,1994. 222 p.
- ERICKSON, Milton H.; HERSHMAN, Seymour; SECTER, Irving I. **Hipnose Médica e Odontológica, Aplicações Práticas**. Campinas: Editorial Psy, 1998. 337 p.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: história da violência nas prisões**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1989.
- FREUD, S. (1976b). **Alguns pontos para o estudo comparativo das paralisias motoras orgânicas e histéricas**. In Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. 1, pp. 223-242). Rio de Janeiro: Imago (Texto original publicado em 1893).
- FREUD, Sigmund. **Estudos Sobre a Histeria**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1969. 350 p. (Volume II).
- FRIGOTTO, G. **A produtividade da escola improdutiva**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 1999.
- MARQUES, Carlos A.; MARQUES, Luciana P. **Do universal ao múltiplo: os caminhos da inclusão**. In: LISITA, V.; SOUSA, L. (Orgs.). **Práticas educacionais, práticas escolares e alternativas de inclusão escolar**. Rio de Janeiro: DPA, 2003.

- MELCHIOR, T. (1998). Créer le réel. **Hypnose et thérapie**. Paris: Seuil.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Direito à educação: subsídios para a gestão dos sistemas educacionais: orientações gerais e marcos legais**. 2. ed . MEC, SEESP, Brasília, 2006.
- PARO, Vitor Henrique. **Gestão escolar, democracia e qualidade de ensino**. São Paulo: Ática, 2007.
- POLONIA, Ana da Costa; DESSEN, Maria Auxiliadora. **Em busca de uma compreensão das relações entre família e escola – Relações família-escola**. Psicologia Escolar e Educacional, v. 9, n. 2, p. 303-312, 2005.
- ROUDINESCO, Elisabeth. **Histoire de la psychanalyse en France**. v.1: 1885-1939. Paris: Fayard. 1994.
- SASSAKI, Romeu Kazumi. **Inclusão: construindo uma sociedade para todos**. 8ª ed. Rio de Janeiro: WVA, 2010.
- SCHWARTZMAN, J.S. Histórico. Em J.S. Schwartzman (Org.), **Síndrome de Down** (p. 3-15). São Paulo: Mackenzie, 1999.
- STAINBACK, Susan; STAINBACK, William. **Inclusão: um guia para educadores**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.